

TENDÊNCIAS VOCABULARES E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE JUVENIL

Dirlene Santos de Araujo (UEMS)

santosdirlene36@yahoo.com.br

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

Tatiana Marangoni (UEMS)

tatianamarangoni@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho visa discorrer sobre as tendências vocabulares e a formação da identidade juvenil. Têm-se como base pressupostos básicos da área denominada Sociolinguística, ele tem como escopo a análise da variação linguística que ocorre entre jovens, em decorrência das várias transformações que ocorrem na língua, e também, da forte influência das mídias no repertório linguístico juvenil. Assim como, observou-se qual a relação entre a identidade e a produção linguística do falante juvenil, no caso, enfocando o adolescente, como também, verificou-se que peso tem a relação dos grupos, nos quais os jovens estão inseridos, com a formação de sua identidade linguística.

Palavras-chave: Jovem. Identidade. Linguagem. Formação

1. Introdução

O presente artigo insere-se nos estudos sociolinguísticos atuais, fazendo parte da linha de pesquisa Produção de Texto Oral e Escrito, da disciplina de “Sociolinguística: a diversidade do português falado no Brasil”, do curso de pós-graduação, *stricto sensu* da UEMS, escrito sob a orientação da professora Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros.

Com o advento das mídias digitais, os sujeitos, principalmente os jovens, passam por constantes processos de transformações e/ou (re) adaptação vocabular, haja vista que, para fazer parte de determinados “grupos”, a semelhança vocabular pode ser fator fundamental, pois ela proporcionará a construção da identidade.

Segundo (OLIVEIRA & BARONAS, 2011), a constituição de

identidade é bem complexa, pois neste processo interferem diversos fatores: sociológicos, psicológicos, cognitivos e culturais. Na formação identitária, o papel da língua é primordial, visto que os sujeitos são constituídos na e pela linguagem. Além disso, (SHERRE, 2005, p. 10) lembra que “um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função de sua língua”.

Neste sentido, as relações dos jovens se efetivam satisfatoriamente pela linguagem. Enquanto faculdade inerente ao homem permite que os estados mentais humanos sejam expressos por meio de veículos linguísticos (língua falada ou escrita) e não linguísticos (gestos, toques, olhares etc.). É por meio dela que as relações sociais entre indivíduos são concretizadas, numa dinâmica que produz interação, comunicação e socialização.

Nessa perspectiva, pensar em linguagem é pensar numa ação humana que resulta do raciocínio consciente e intencional. Esse caráter imprime a ela uma caracterização mais ampliada. Assim, busca-se na Pragmática a ampliação desse conceito. Segundo (MAINGUENEAU, 1996, p. 19): “[...] a linguagem não é mais concebida como meio de os locutores exprimirem seus pensamentos ou até transmitirem informações, mas antes como uma atividade que modifica uma situação [...]”.

Dessa forma, ela é dotada de intencionalidade, é compartilhada por sujeitos, inseridos em um contexto social onde ocorre um intercâmbio social e a linguagem é utilizada pelos mesmos para atender a fins sociais. No dizer de (BAGNO, 2002, p. 180): “A exemplo de todas as outras faculdades humanas como a memória ou a inteligência, a linguagem é chamada a servir em diferentes funções, de ordem individual e, mais particularmente no caso da linguagem, de ordem comunitária.”

Assim, atendendo e estando a serviço de um grupo social, e a partir da relação estabelecida entre ele e o meio institucionalizado socialmente concretiza-se, a língua. Acrescenta-se a tais o provérbio “dize-me com quem tu andas e direi quem és”, na maioria das vezes, todos nós adotamos, de forma consciente ou não, comportamentos semelhantes ao de nossos pares, das pessoas de nosso convívio, e isso se reflete em nosso comportamento linguístico.

Tal comportamento linguístico implica em uma atitude linguística, e Aguillera (2008, p. 105) afirma que “a atitude linguística” assumida pelo falante implica a noção de identidade, que se pode definir como a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar

um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro, por meio da fala, o sujeito se compõe, estabelecendo as diversas relações sociais e retratando o conhecimento de si próprio e do mundo, ou seja, seus valores ideológicos e visões de mundo.

Não obstante, conforme relata Castilho (2010, p. 31), “é na língua que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo, de como nos dirigimos ao outro”. Assim, ela atende não somente a necessidade humana de concretizar ideias, pensamentos; exteriorizar sentimentos e transmitir informações a outro, mas também à necessidade de o sujeito agir em direção ao outro, numa relação de interação sócio-comunicativa.

Essa ação interativa ocorre numa dada situação e busca alcançar uma finalidade específica sem desconsiderar o contexto social, histórico e ideológico no qual o falante está inserido. Em outras palavras, as ações de interação social são mediadas pela língua no interior de diferentes instituições que se caracterizam por serem múltiplas e complexas.

Nesse caso, a língua adquire o valor de produto da história e é marcada pelos usos e espaços sociais deste uso. Ela é tanto um instrumento de comunicação, quanto um produto histórico e é necessário que seu estudo e ensino leve essas concepções em consideração porque está a serviço de uma dada comunidade e tem uma representação social, que vai além da sua função comunicativa representando o bem cultural primeiro de cada comunidade.

Com o avanço da tecnologia e a constante transformação no comportamento dos jovens, em relação ao vestuário, tratamentos cotidianos e principalmente na linguagem, observa-se o quanto a língua é um elemento vivo, que evolui e modifica a cada segundo. Hoje, existem palavras que transformam gerações, mas que poderão ser esquecidas rapidamente, pois a velocidade das mudanças é notória.

2. O adolescente

A adolescência, considerada uma complexa fase do desenvolvimento humano, já se tornou uma ideia comum na sociedade. O fato de ser uma fase de transição, onde ele deixa a infância e torna-se um quase adulto, mostra que não atingiu maturidade suficiente para tomar decisões para sua vida.

Para Erikson (1998), a construção da identidade adolescente é um processo que advém da observação e da releitura de identificações anteriores, o que significa dizer que o adolescente não busca a cópia de um modelo de conduta, mas tenciona modificar, questionar, acrescentar e reconstruir tal modelo de acordo com sua visão, e assim se constituir como sujeito.

A representação e a vontade são marcas caracterizadoras da identidade, segundo Bourdieu (1980, p. 67): representação porque a identidade é um “ser percebido, e percebido como distinto, que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros”; vontade por ser “*acto* de adesão pessoal permanentemente reiterado a uma comunidade, a qual se espelha numa estrutura simbólica, que incessantemente inspira práticas significantes” (MARTINS, 1996, p. 24-25).

Nesse sentido, a identidade de um grupo é uma realidade que se destaca na sua representação das demais percepções de mundo, porque delas se distingue e assim se faz reconhecer pelos outros. O sentimento de pertença parece resultar de um movimento de mão dupla: de “exclusão”, de “diferença” diante de uns; de “inclusão”, de “afinidade” junto a outros considerados pares – nas palavras de (Azevedo, 2000, p. 168): “pertencer significa simultaneamente ser incluído numa comunidade e estar separado e diferenciado de outra”.

A identidade é, também, vontade porque supõe, sempre, a adesão de determinado grupo a uma visão específica da realidade: Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida. O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros. (CALHOUN, 1994, *apud* CASTELLS, 2003, p. 2)

E o reconhecimento social de um determinado grupo implica na capacidade de ajustamento da língua ao contexto e a necessidade de estabelecimento no mesmo observa-se tal fato na adolescência. Considerado um momento da vida de intensas modificações, onde o adolescente busca por afirmação e utiliza-se da língua para conquistar seu espaço em um grupo e até mesmo integrar-se na sociedade.

A rede mundial de computadores atualmente tem tido um papel muito importante dentre as novas Tecnologias de Informações e Comunicações em todos os sentidos, pois ela facilita em grande escala a vida

de muitas pessoas. Existe um espaço, as chamadas redes sociais, que não se constitui como uma categoria social fixa, pois há variações constantes e podem mudar por diversas razões. (GUY, 1988, p. 54) aponta, “são microsociológicos em foco, enquanto estudos de classe são macroscópicos” (apud CHAMBERS, 1995, p. 68).

E em tal contexto para comunicar-se com mais rapidez os adolescentes internautas estão criando novas formas de linguagem. O “*internetês*”, que é uma simplificação informal da escrita. Consiste numa codificação que utiliza caracteres alfanuméricos (emoticons) e a redução de letras das palavras. Por exemplo: também = tb, teclar = tc, aqui = akí.

Algumas pessoas acreditam que esta linguagem utilizada na Internet e nos celulares, não afeta e nem deve ser considerada ameaça à escrita culta da língua portuguesa, pois é mais um modismo dos jovens diante das tecnologias a eles apresentadas. No entanto, a língua está em constante evolução e mudança, o que é perfeitamente aceitável pelos linguistas e gramáticos. “Veja, por exemplo, a forma de tratamento mais usual, o *ocê*”. Começou de uma expressão bem maior, que era *vossa mercê*, um tratamento mais respeitoso. Depois foi *vosmecê*, *ocê* e hoje *cê*.

O fato é que a evolução da língua, muitas vezes nos causa estranheza, mas esta necessidade de transformação é imprescindível. Acredita-se que a língua está em processo de destruição pelos falantes mais jovens e que os mais antigos eram mais cuidadosos com uso de seu vernáculo. Ocorrem então várias situações que comprometem o cotidiano. No entanto, mesmo aqueles que tentam não pré-conceituar o uso da língua, sentem-se vez ou outra incomodados com o que ouvem no dia-a-dia.

Quando observamos as falas nas ruas, shoppings e em escolas, nos familiarizamos com algumas tendências contemporâneas vocabulares. José Neres, em seu artigo na *Revista Língua*, sobre mutações vocabulares, faz algumas considerações sobre o assunto.

Diz Neres que o ato de *namorar* de forma descompromissada teve diversas modificações, podendo ser encontrado hoje, na forma de *pegar*, *ficar*, *passar o sal* e até mesmo o muito estranho *espocar*. Esses exemplos suscitam frases como: “Estou espocando uma mina de tua rua” ou “Já passei o sal em tua prima”. Até mesmo o namorado ou namorada, comprometidos seriamente e apresentados a familiares assumem formas nada convencionais como *namô*s, *ficantes* ou *peguetes* e quando há uma indefinição sobre a situação do namoro se transforma em *namorido* da menina.

As mudanças vocabulares como quando se refere a algo muito popular e se diz tá *bombando*, é bem comum, o uso de *foi mal*, ao invés de *desculpe-me*, *valeu* quando se diria *obrigado* e até em estruturas ditas como solidificadas como *tchau*, *até logo*, *estou indo*, *vou-me embora*, foram sumariamente substituídos por um simples, rápido e direto *fui*, que segundo o autor resolve todos os problemas convencionais de despedidas sem precisar de longas explicações.

O internetês é caracterizado pela agilidade e facilidade na escrita, por ser basicamente códigos e abreviações, o que dificulta o entendimento de quem não está acostumado a participar de bate-papos ou chats on line. Esta é uma linguagem igual a qualquer outro gênero de escrita, portanto deve ser utilizada em seu ambiente próprio.

Nos chats se "fala", se "escreve", se "grita", se "chora", se "canta", enfim, há toda uma manifestação discursiva que se transforma em marcadores escritos. Sem dúvida, trata-se de uma "conversa teclada", que resume uma nova articulação entre as linguagens orais e escritas, resultando das interações desenroladas entre os jovens frequentadores dos espaços virtuais.

Considerando o viés da identidade a utilização destes códigos e abreviações pelos internautas acredita-se que podem ser considerados uns dos grandes marcadores identitários da Internet. É uma característica de identidade virtual, pois são os internautas os criadores desta nova linguagem.

Entre os vários enfoques com que a Internet tem sido analisada, a Rede tem sido especialmente focalizada no que diz respeito às identidades. Ela converteu-se num "laboratório" para a realização de experiências com as construções e reconstruções do "eu" na vida pós-moderna, uma vez que, na realidade virtual, de certa forma moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos.

3. Considerações finais

A formação da identidade do jovem é permeada pelo processo de produção linguística, que se constrói em meio social. Nele o jovem interage e socializa-se por meio da linguagem, afinal concretiza as relações sociais, e em tais relações estabelece-se a língua que nos diferencia enquanto sujeitos e externaliza o que somos.

A produção linguística do jovem contemporâneo acrescenta-se a visível evolução tecnológica, a de se considerar que nesse assunto, são nativos digitais e a variação linguística, com seus diversos contextos, grupos e períodos.

Assim sendo, o jovem sofre uma forte influência na sua produção linguística do meio virtual, e também contribui para a inegável evolução linguística em tal meio, enquanto forma-se sua identidade que é expressa pela linguagem em contexto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A linguagem dos jovens no século XXI. Disponível em:

<http://www.artigonal.com/linguas-artigos/a-linguagem-dos-jovens-do-seculo-xxi-755863.html>>. Acesso em: 13-11-2012.

AMARAL, Sérgio Ferreira. As novas tecnologias e as mudanças nos padrões de percepção da realidade. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (Coord.). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 107-114.

BAGNO, Magno; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BELLONI, Maria Luiza; GOMES, Nilza Godoy. Infância, mídias e aprendizagem: autodidaxia e colaboração. *Educ. Soc.* [online], vol. 29, n. 104, p. 717-746, 2008.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. Trad.: Marina Appenzeller. Rev. da trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MORAN, José Manuel. *Os novos espaços de atuação do educador com as tecnologias*. Disponível em:

<http://www.eca.usp.br/prof/moran/espacos.htm>>. Acesso em: 14-09-2013.

NERES, José. Mutações vocabulares: a evolução das palavras e expressões com o passar dos anos e mudanças culturais. *Revista Língua Portuguesa*. Escala. Disponível em:

<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica->

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ortografia/38/artigo273493-1.asp>.

PRESKY, Marc. *Digital natives, digital immigrants*. On the horizon, MCB University Press, vol. 9, n. 5, out. 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1/ e 2/ graus*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.